

## A Capital Nacional da Moda Tricô

Monte Sião é um município que fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pela estimativa do IBGE em 2017, conta com 23 247 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

**FUNDADOR: Dr. Antonio Marcello da Silva - 15/01/1958**

**Maio de 2024 - Nº 623**

**Diretores - Antonio Marcello da Silva (\*1931-) - Pascoal Andreta (\*1915 - + 1982) - Ugo Labegalini (\*1931 - +2012) - Ivan Mariano Silva (\*1935 - +2020) - Alessandra Mariano (1969 - )**

## AUTOCONHECIMENTO É A CHAVE DO SUCESSO

**LEONARDO LABEGALINI**

Desde o último encontro entre Téo e o Líder Inspirador, o jovem resolveu transformar os conteúdos das conversas em materiais práticos para serem aplicados por qualquer pessoa que quisesse montar uma equipe. Então ele pegou uma folha, escreveu o nome de um cargo e logo abaixo escreveu tudo que acreditava que seria o perfil ideal para aquele cargo, tanto em questões de habilidades técnicas quanto em comportamentos. Assim ele organizou o “lado da empresa”. Se fosse ele o patrão, ele sabia o que estava à procura. Aquilo era como um molde, um gabarito. Quanto mais próximo do que estava escrito ali a pessoa fos-

se, maior a chance de dar certo.

Agora ele tinha uma dúvida – “se eu estou procurando uma oportunidade de emprego e esse “gabarito” aparece me confrontando, como eu sei que essa oportunidade é para mim?”

E foi com essa dúvida que ele começou a conversa com o Líder Inspirador. No relógio da cafeteria, eram 06:57 da manhã. Tinham pouco mais de meia hora para colocarem o papo em dia.

- Olha Téo – começou respondendo o L.I – está vendo aquelas três belas montanhas? – L.I apontava para fora da janela da cafeteria.

- Sim, o que tem nelas?

- Qual delas você acredita ser escalável?

Téo ficou em silêncio

por alguns instantes, tentou notar a mais inclinada, aquela que mais ofereceria perigo, mas todas pareciam semelhantes. Sem resposta e expressando uma cara de paisagem, o senhor L.I interrompeu.

- Todas as montanhas são escaláveis Téo, mas nem todas são para você! Mas só será possível entender isso com o autoconhecimento. Se chegar ao topo da montanha fosse a competição da sua vida, obter sucesso está muito ligado a conhecer as suas ferramentas e saber em qual das montanhas as suas ferramentas mais te ajudarão a escalar. Sem você saber quais são suas ferramentas e como elas te ajudam, é só tentativa e erro. Apesar dessa estratégia ensinar, ela machuca também.

Téo, impressionado, até prendia a respiração. Olhos arregalados e ouvidos bem atentos.

- A pergunta da sua vida Téo – continuou L.I – é responder a “quem você é?”. Isso passa por saber suas qualidades, seus pontos fortes, o que você tem facilidade e agilidade em fazer naturalmente. Também, ser consciente dos seus pontos fracos, o que você tem dificuldade e o que te impede de ser alguém melhor. Esse é um trabalho simples, mas não é fácil. É como descascar uma cebola – cada hora tem uma nova camada a ser descascada e as lágrimas que caem dos nossos olhos, hora são por orgulho, hora são por confrontar com nossas sombras, mas é extremamente necessário!

Téo seguia como se tivesse em estado de choque.

- É uma pena que isso não seja ensinado nas escolas, Téo. Sinto muito também por esse tipo de trabalho ser motivo de chacota por parte das pessoas ainda. Mal sabem elas que no fundo, são essas as que mais precisam. Portanto, o autoconhecimento é a chave do sucesso porque ele responde a sua dúvida, te dando a certeza ou a inclinação de que você não precisa se adequar a “gabaritos” que não têm a ver com você, ao menos que seja um grande sonho seu!

- Senhor L.I – interrompeu Téo depois de longos minutos mudo – por onde eu começo?

- Comece fazendo um mapeamento comporta-

mental Téo! Você descobrirá seu perfil, suas âncoras de carreira, suas forças pessoais, seus talentos e sua linguagem de valorização e reconhecimento. Isso vai trazer uma clareza muito grande sobre quem você é. Vai tirar de dentro de você tudo aquilo que você já sabe, mas não consegue expressar em palavras. Garanto que a sua vida não será a mesma depois disso.

- Vou procurar um profissional hoje mesmo! Aliás, dessa vez sou eu que preciso ir, senhor. São 7:57, já se passou 1h que estamos aqui e tenho 3 minutos para chegar no serviço.

- Foi um prazer ter sua companhia mais uma vez, Téo. Nos vemos em breve. Um grande abraço e bom trabalho!

## CRÔNICAS DA MINHA GENTE A CLARINETA E O VIOLÃO

**IVAN**

Já faz algum tempo, desde quando o Adelino Zucato tomou providência antipática e que muito desgostou a gente, deixando perplexos seus conhecidos e desconso-lo para seus familiares. Sem avaliar nossos sentimentos, adoeceu e morreu. Atitude só perdoável por aqueles que o receberam e desfrutaram das suas dimensões de homem de tutano e cerne. O Adelino conduziu a vida no muque, arrancando do chão, com sua enxada “Duas Caras”, a comida das crianças, comprando roupinhas com a carga do jacá, educando os filhos no lume do candeeiro. Antes de partirem para o eito, ele e dona Aparecida sacudiam o sol que ainda dormia e puxavam a noite quando já não aguentavam arrastar a lida no cafezal. Com a meia do café e vivendo só dos produtos da terra – verduras, arroz, feijão, milho, toucinho – e economizando da palha do cigarro ao sapato do pé, o Adelino e dona Cida adquiriram bens materiais e espirituais tão vastos que se deram ao luxo de, ele, tocar clarineta e, ela, ouvi-lo, deslumbrada. Depois de assentarem os

filhos no roçado adquirido, ergueram casa na cidade, casa de se olhar na posição de gargarejo, de tão alta, onde filhos, netos e uma fieira de parentes vinham chocar a família, logo depois que o Adelino subia da missa.

Na igreja, ele fazia parte da turma da cantoria. O Lardo, no violão, ele, na clarineta, as vozes feminina e masculina, a rapaziada caprichando na segunda, as moças fazendo a primeira. A clarineta acostumou-se tanto com as músicas sacras que um fole seria capaz de soprar os mesmos hinos, se bem que sem o sentimento que o Adelino injetava nela, fazendo-a gemer e vibrar. Para conseguir essa façanha, ele aquecia o vento dos bofes, parolando duas horas antes da missa com todos os moradores do trajeto da sua casa à igreja. Conversa de importância fundamental, sem a qual o conto de réis poderia desvalorizar-se, caso apenas uma boa palavra faltasse naquele dedo de prosa: a dentadura nova da comadre, o café forte que só a vizinha sabia coar, o fogão esmaltado de alguém desconhecido, a febre do menino,

o resultado da simpatia poderosa de arruda com alecrim, o canto do sabiá, anunciando ninhos e filhotes. Lá na frente, no bem-bom perto do altar, o violão do Lardo era assim (esfregue os dois indicadores) com a clarineta, de tão afinados. Quando suspiravam a mesma nota, ela até zunia nos ouvidos dos fiéis, que sorriam bondade antes mesmo de haverem confessado os pecados que não pecaram, mas que o desabafo faz bem e alivia. Com o apoio do Adelino e do Lardo, até o padre, que não é feito para ópera, cantava bem e, com ele, os devotos que, pelo menos durante o efeito da música, tomavam aparência a beatos e a santos, para depois voltar ao estado de gente normal. A verdade é que a dupla Lino e Lardo, que eu inventei agora, encheu três partes do céu com santos, beatos e milagreiros, entidades que só vêm a furo com a música bem misturada com a colher de pau da clarineta e a panela de ferro do violão, tudo no braseiro da taipa do fogão da crença.

Quando, então, o clarinetista considerou que já passava da hora de abandonar o roçado da vida, e

abandonou mesmo, dona Cida teve inspiração só permitida às pessoas da cabeceira, gente escolhida a dedo por Deus. Como o companheiro de tantos anos tivesse sido o Lardo, a clarineta, agora sem dono, era do Lardo também e com ele iria morar, amasiados, embora os descendentes do casal constituíssem multidão mais povoada que procissão de santo padroeiro. E, se companheiro é companheiro, o Lardo recebeu, entre bobo, encantado e assustado, o estojo preto onde descansava, embora a contragosto, a clarineta de tantas missas, de tantas serenatas, de tantos arrasta-pés.

Dois dias depois do grande acontecimento, o Lardo, sua mulher e seu filho de nove anos bateram de frente em um caminhão carregado. Não pôde, coitado, levar a clarineta nem dela teve tempo de tirar sons. Mas dizem que, naquelas 48 horas de delícias, banhou-a em óleo de amêndoa, poliu as chaves como se fossem as da felicidade, beijou a boquilha tirando dela guinchos de prazer nunca antes emitidos. Falam que muito caminhou por seu corpo esguio e brilhoso, dizendo-lhe doces palavras que jamais lhe ocorreram à flor da boca e confessou-lhe segredos empedrados pelo tempo. Afirmaram, ainda, que contou para sua clarineta causos inventados na hora, pois que não aprendera, pela vida afora, nenhum que

fosse de paixão. Juram que amou a clarineta com amor novo em folha, porque foi amor diferente que, sem uso, não rustiu. Amor de criação, adotado naquelas derradeiras horas de êxtase. Foi tudo muito rápido e intenso mas que durou um tempão, mais tempo que a eternidade da morte. São coisas da ternura, sabe-se. São coisas que, até nós, que não servimos nem para lamber as precatas do Adelino e do Lardo – pois que somos órfãos de clarineta e de violão – nós, orelhudos

de berço, sabemos tratar-se de laços de amizade, carinho, respeito, consideração, atenção, cuidado, afeto, encantamento, isto é, os ingredientes da solidariedade, que vinculam as pessoas à nobreza das atitudes, cuja receita Adelino e Lardo usaram de sobejo.

*Crônicas da Minha Gente – seleção de crônicas de Ivan Mariano Silva, colaborador incansável deste jornal, um dos idealizadores e fundadores do Museu Histórico e Geográfico de Monte Sião e da FCPA, que nos deixou em Agosto/2020.*

## SOBRE LIBERDADE E TANTAS COISAS...

Passarinho na gaiola fez um buraquinho  
Voou, voou, voou, voou...

A menina que gostava tanto do bichinho  
Chorou, chorou, chorou, chorou...

Choramos tanto por uma infância esquecida  
E muito mais por uma vida não vivida  
Somos os próprios culpados pelo tempo perdido  
Por tudo que não foi adiante  
E tudo aquilo que ficou distante  
Choramos pelo que perdemos sem perceber  
Por tudo o que se foi sem ao menos ver  
Choramos pelo que não pudemos ser  
Por tudo o que não ousamos desafiar  
E tantas coisas que fizemos apenas sonhar...  
Depois fazemos buraquinhos para voar!

**José Antonio Zechin**

## MAIS RESPEITO COM O PORTUGUÊS - NO. 67

ISMAEL RIELI

Eta Mosquitinho Ex-comungado!

Muito desconforto. De costas; de borco; de banda; da outra banda. Diarreia líquida constante. Cansaço. Perda de sono e de apetite. Veias dos braços esturpadas. Coleta de sangue para análise. Diagnóstico confirmado: é dengue. As plaquetas, porém, estão altas 174. Não é caso para internação. Líquido, muito líquido. 5 litros de água por dia. Sucos, água de coco, Gatorade. Retorno pra casa. Diarreia contínua, agora muito escura. Será sangue? Exame de toque. Ufa! Não é sangue. Não é hemorrágica. Ainda bem. Incontinência. Papagaio. Fraldão. Plaqueta caindo. 124. Convém internar. 4 pernoites no hospital. Soro constante. Um atrás do outro. De meio litro. De 1 litro. Enfermeiras gentis a toda hora. 2 fisioterapeutas. De manhã e de tarde. Sopa no almoço. Sopa na janta. Já estou enfasiado. Médico jovem gentil e atencioso. Visitas diárias. Companheiro de quarto com síndrome de down e dengue. Teve alta. Veio outro com as pernas judiadas por terrível erisipela. Plaqueta caindo para 88. Para 66. Um pouco de febre. Alta adiada por mais um dia. Finalmente alvis-

saras. A febre passou e a plaqueta dobrou para 111. Podemos arrumar as trouxas e voltar pra casa ao lado da presença constante, diuturna e vigilante da companheira, que bom!

X x x

Dia de matar porco, Dia de festa.

Os preparativos começavam na véspera, com a busca de feixes de garra de pinheiro para pelar o porco. Com uma enxada raspava-se o couro em chamas. Às vezes pelavamos com água fervendo, raspando-os com facas ou facões. Um fogo especial ou a introdução das patas em caldeirões de água pelando para extirpar-lhes as unhas.

A função começava cedo por que eram muitas as tarefas: lavar muito bem com limão vinagre as tripas e o bucho para o chouriço, para a linguiça, para o cudiguim. Ajuntar e cozinhar os miúdos para o cudiguim com couro moído. Os dois rins a gente punha na chapa do fogão sempre aceso, e mandávamos pros peitos. Roliços, mansos, derrubá-los era tarefa fácil. Lavava-se lhes o sovaco para colher limpo o sangue que esguichava aos borbotões. Serafim era certo e preciso na busca do coração. Acertava-o na primeira facada e o porco não gritava muito.

Já o seu Angelino Preto ficava nervoso, campeava e não encontrava o coração e acabava matando-os com o olho do machado, com golpes na testa. A gente ficava com dó. Dizia-se que quanto mais dó, mais o porco demorava pra morrer e os berros ecoavam pelas cercanias. Recuso-me a acreditar que, eu próprio, sangrei uns 10 ou 15 capados. Hoje seria totalmente

incapaz de tal tarefa.

Nossos porcos eram criados soltos, sem mangueiros e eram tão sem vergonha que entravam na cozinha. A gente coçava-lhes a barriga e eles deitavam. Depois de pelados iniciava-se o desmonte do capado. Abria-se a barriga e, a partir da língua descolavam-se todas as vísceras colhidas numa bacia perto do rabo.

Então virava-se o

porco que se agachava apoiado pelas patas dianteiras e traseiras.

Suã gordo ou magro? Com facas sempre bem amoladas, começava-se a separação em duas metades. Quantos dedos de toucinho? 4 ou 5?

As mulheres já estavam no ribeirão lavando as tripas e o bucho. Lavar bem lavados para enchê-los de sangue, pacuera e de linguiça. Com o fogo sempre aceso, dava pra se comer saboroso chouriço no lauto almoço pra todos que pelearam nas tarefas.

Geladeira não havia. Em latas de banha de 18 litros guardavam-se generosos pedaços de carne saborosa porque nossos porcos eram cevados com milho. Os lombos minha mãe recheava-os e os assava. Ninguém, nunca, jamais preparou lombos cheios tão saborosos como os da Dona Helena!

X x x

Mais alguns ditados A cobra, quando entra n'água, deixa o veneno em terra.

A felicidade é algo que se multiplica quando se divide.

Amar sem ser amado, é ser castigado sem ter pecado.

Asno que tem fome, cardos come.

Cada um chora seu pranto no seu canto.

Casamento é o fim

das criancices, e o começo da criançada.

Casebre onde se ri vale mais do que palácio onde se chora.

Cavalo bom não precisa de espora.

Da vida nada se leva, tudo os herdeiros transformam.

Da festa o melhor é a véspera.

De raminho em raminho, faz o ninho o passarinho.

De noite, à candeia, não há mulher feia.

Devemos julgar um homem mais pelas suas perguntas que pela suas respostas.

Dinheiro de pobre é como sabão: quando ele pega, escorrega.

Do que é novo gosta o povo.

Dois carneiros de chifre não bebem água da mesma cumbuca.

É de noite que a saudade aperta.

É mais fácil levar um boi ao mourão que um ignorante à razão.

Eu ví os seios da saudade no decote da ausência.

É triste cair; mais triste ainda é não tentar subir.

Em cara de pobre é que o barbeiro aprende.

Filhos das minhas filhas, meus netos são; filhos dos meus filhos, não sei se serão.

Flor caída não volta ao galho.

Há mais ingratos que sapatos.

### ALTO PARAÍSO

Em Alto Paraiso encostei meu burro na sombra!

Após muitas batalhas pela vida afora  
Procurei um recanto para  
“Encostar o burro na sombra”, e  
Rumei para a chapada goiana.

Lá encontrei Alto Paraíso;  
Misteriosa, esotérica e ecológica;  
Fauna, flora e natureza intocadas,  
Onde logo plantei uma residência.

E, tudo aconteceu naquela  
Sonhada e bela casa rosa:  
Cachoeira de lágrimas e o sorriso das Loquinhas;  
Lamento dos Couros e o canto das Almécegas.

Encontros e desencontros;  
Valeu pela estrela cadente;  
Raizama das hortênsias,  
Poço Encantado e Vale da Lua.

Sonho realizado, apesar de tudo!

Yoshiharu Endo

## O FEITIÇO DO ESCREVINHADOR

L. A. GENGHINI

No início, lá pelos tempos de escola, a gente odiava quando o professor Pascoal Andrea vinha com o “papo” de fazer redação, cujas melhores eram publicadas no “Papagaio” do ginásio (um retângulo, em forma de armário, de mais ou menos uns 60 cm de altura por um metro de largura e uns 10 cm de profundidade, protegido com porta envidraçada e cadeado). Lá eram publicadas as melhores redações de cada sala, uma vez por mês e na nossa turma o amigo José Cláudio Faraco ganha sempre, ou quase sempre.

Certa vez, o professor Pascoal deu como tema “Se eu tivesse o pó de pirlimpimpim” que segundo a criação de Monteiro Lobato tinha efeitos mágicos para quem o possuísse.

Naquela vez, eu viajei no tema, pisei e escoreguei na jaca, me descolei da realidade, usei os poderes do “pó” para “melhorar o mundo” e convenci o querido professor. Então, a minha redação, depois de revisada pelo Cláudio e pelo professor, foi parar no “Papagaio”. Todos os dias eu parava lá para ler a “obra-prima”.

O tempo passou, deu voltas, o mundo não melhorou, aliás continuou a mesma bagunça de sempre, e um dia me peguei escrevendo uma carta ao “Monte Sião”, a qual o Ivan publicou e discretamente convidou-me a continuar colaborando.

Aos trancos e barrancos fomos nos firmando e atualmente, uns 30 anos depois, continuamos por aí tentando contar causos e preservar um pouco da nossa

história literária e popular da cidade.

O “Monte Sião” continua com muito fôlego, aos 66 anos de sua fundação, e os colaboradores todos os meses me ensinam muito mais com seus devaneios e poesias.

Devido à nossa boa sorte, temos recebido muitas contribuições literárias na forma de poesias, poemas, crônicas e ensaios, às quais, sempre procuramos publicar, na medida em que o espaço nos permite.

Neste sentido, e procurando melhorar a acolhida aos colaboradores, os editores do “Monte Sião” pediram, e nós reproduzimos aqui, que as contribuições em texto procurem seguir as seguintes características: Tipo – Arial-12 ou Times New Roman-12; Layout – A4; Espaçamento – 1,5;

Tamanho máximo de 2 laudas (folhas), sendo que o ideal é que o texto fique no tamanho de uma folha e meia, com cerca de 500 palavras (Este texto tem 434 palavras).

O Dilema do Escre-

vinhador é que aquilo que no começo parecia impossível, cresce e depois fica difícil ficar só em quinhentas palavras! Nesse caso, sugerimos que divida o texto em duas partes e os publique, cada parte em

edição diferente, preferencialmente sequencial.

Boa escrita, boa leitura e bem-vindo ao “Monte Sião”! Até qualquer hora, pessoal!

## DENGUE TAMBÉM MATA

#MUDE SUA ATITUDE!

**80%**  
DOS FOCOS  
DE DENGUE  
ESTÃO EM  
DOMICÍLIO.

VEJA ALGUMAS PRECAUÇÕES →



- 
NÃO DEIXE ÁGUA PARADA;
- 
MANTENHA O QUINTAL SEMPRE LIMPO;
- 
MANTENHA A CAIXA D'ÁGUA E TINÉIS BEM FECHADOS E LIMPOS;
- 
PERMITA SEMPRE O ACESSO DOS AGENTES DE ENDEMIAS A SUA CASA.



Fone:  
**(35) 3465 2772**

Rua Jair Zucato, 136  
- Centro (Praíinha)

Monte Sião - MG  
CEP 37580-000

Ernesto A. G. Bacellar  
Engº Mecânico Automotivístico



Material Escolar e para Escritório  
Suplementos para Informática  
Cartuchos compatíveis e remanufaturados  
Fotos 3 X 4 na hora

A MELHOR E MAIS BARATA  
REVELAÇÃO ANALÓGICA E DIGITAL 24 HORAS

**35 3465-3124**

Av. das Fontes, 136-C - Monte Sião

PAPELARIA  
Mania de vender mais barato!!!

**Programe sua festa - nós temos o local!**

### RESTAURANTE DA LICINHA

Espaço para 250 pessoas

Km 6 da Rod. M.Siã - O.Fino -(35)3465 1355 - 9 9114 9447

# CRÔNICA DE UM PONTO AZUL EM POEMA

**JOSÉ  
ALAERCIO  
ZAMUNER**

No trânsito planetário, esquina de Saturno com Urano, a Voyager viu...

Um Pálido Ponto Azul no aberto espaço de Sagan gira numa órbita constante, tão distante que parece um grão de areia insignificante na imensidão do universo, solto esvoaçante; mas não, está aqui em nós-todos-nós fixo, sumido no distante dos olhos, dos radares; carregado de um mundo inteiro e complexo de muitos mil feitos e desfeitos, tão complexos pontos... significantes. Venha, mergulhe e veja, sinta a força desse pálido ponto azul...

No aberto espaço de

Sagan veio-me de chofre, porém agora um pálido e diminuto ponto, quando parei num farol, girando órbita constante entre carros, com braços sombrios esticados buscam pulso, últimos pulsos de suspiro, pra sua órbita, clamante mão aberta a uma moeda por caridade, meus suspiros dobrados me fixarem nesta elíptica e não escapar, não me desgarrar: Deus lhe pague, Amém Jesus na cruz tão preso a cada giro, giro outro a outra leira e fileira em sua ciranda de braços entre carros dançantes num carrossel interminável: presos todos; presa na dança do universo. Vai, mergulhe-se-lhe fundo-profundo em sua atmosfera: “Senhor, se-

nhor, a moeda, a moeda, uma só, que me segura e me carrega neste braço de seu trânsito... Deus lhe abençoe!...”

O pálido ponto azul no aberto espaço de Sagan gira fixo pelo universo: Sim, sou o planeta Terra! O pálido ponto diminuto do farol perambula fixo pelas órbitas das ruas, e cada um busca seu verso, seu verso soberano... um nome, número, um pulso, sangue e muitos mil Ritos, Mítos, Reis, Rainhas, Impérios e minutos pontos pálidos – paralelos – neste farol giram fixos e gravitam suas histórias fundas, profundas, dramáticas, tensas, distensas... Mas o braço ali persiste esticado para dentro de meu carro...

Olhe bem no infinito das coisas, ouça, ouça esta: “O Superman/O Judge/O Mom and Dad”, que uma estação de rádio propagou Laurie Anderson: “So hold me, mom, in your long Arms/ So hold me, mom, in your long Arms.”, “Ha, ha, ha, ha, haa-haa...”

Vai, mergulhe-se-lhe fundo-profundo em sua atmosfera: sim, sou a Maria, veja, estou bem aqui, no farol da Av. Nossa Senhora Mãe dos Homens, com a Dr. Timóteo Penteado: “In your automatic arms, in your eletronic arms”, continua a rádio difusora...

“Olhem de novo esse ponto. É aqui, é a nossa casa, somos nós”, Carl Sagan.

## QUAL É O NOME DO “MERCADO”?

**VALDO RESENDE**

Quem mais se irrita quando apresentados de telejornal dizem que “o mercado reagiu” a determinada situação? O mercado oscila, sobe, desce como ser absolutamente dotado de vontade e determinação. O mesmo pode ser dito sobre a bolsa; não aquela da vozinha querida que carrega doces e balas, mas uma outra que é domínio de investidores e economistas. O mercado, a bolsa, são expressões utilizadas pelo jornalismo que esconde os reais autores das altas da gasolina, do arroz, de tudo o mais.

Quis o destino que eu trabalhasse com um expoente do mercado e daí, toda vez que Dona Lo Prete me aparece com as condutas do “mercado”, recorde antigo patrão que tive lá pelos anos 80 do século passado. Era um sujeito interessantíssimo! Chegava bem cedo ao local de trabalho, munido de uma escova de dentes sem creme, sem nada. Passava uma hora ou mais escovando nervosamente os dentes, ritual repetido após o almoço. Era dono de dentes espetaculares e de uma garganta poderosa. Nunca usou interfone; gritava de sua sala para todo e qualquer setor da empresa.

O mercado, no caso: Uma imensa companhia, de uma única família que detinha uma das principais atacadistas brasileiras de tecidos, além de roupas e enxoval de cama, mesa e banho. Centrada em São Paulo, a empresa era dona de inúmeros prédios na região da Rua 25 de Março e possuía filiais em todas as regiões do país.

Eu era funcionário do departamento de fatura-

mento, um setor que, na real, controlava o sobe, nunca o desce, dos preços praticados pela empresa. O setor controlava é eufemismo, já que era o patrão quem cotidianamente subia os preços das mercadorias disponíveis.

Com mais três pessoas no setor tínhamos em arquivos uma quantidade imensa de fichas, cada uma destinada a um produto específico, com a quantidade disponível e o histórico do mesmo dentro das lojas. Uma, às vezes duas vezes por semana, éramos chamados pelo patrão para remarcar os preços de uma categoria ou mais de produtos. Sempre para cima! Alterava-se dois, três centavos no metro do tecido ou da peça industrializada. Um trabalho insano, pois os responsáveis pelas vendas e pela elaboração das notas fiscais careciam de atenção máxima o tempo todo.

Vai saber o motivo das altas determinada pelo patrão! Poderia ser algo no Oriente Médio, por exemplo. De origem síria, houve lá para aquelas bandas um quiproquó que carecia de manifestação da raça. O patrão não titubeou em descer as portas das lojas da empresa POR UM MINUTO, em protesto pelo problema de lá.

Demorou-se mais para o fechar e abrir que o protesto em si. Mas foi uma reação do mercado, concordam? Tanto é que nesse dia, alterado e tenso, o patrão tratou de remarcar os preços de todos os produtos da empresa.

Outra manifestação do “mercado” ocorreu em consequência de uma mudança no trânsito. Quem anda pela região da 25 de Março sabe que a grande maioria das lojas são de

“porta na rua”, sem estacionamentos ou pátios para carga e descarga.

Nas ruas paralelas à famosa via que nomina a região utiliza-se a própria rua como estacionamento para as manobras necessárias. Até que um dia, pela madrugada, vieram funcionários do departamento de trânsito mudando tudo. Inverteram o sentido da rua e colocaram placas proibindo o estacionamento. O “mercado” reagiria violentamente!

Enlouquecido, a escova de dentes largada sobre a mesa, o mercado, ops, o patrão gritava ao telefone feito possesso. Sem perder tempo com arraia miúda – leia-se retórica de trânsito e prefeitura – a ligação foi direta para o governador do Estado:

“Escuta aqui, seu moleque, vagabundo! Quem mandou você fazer isso? Quem você pensa que é para mudar a minha rua? Vagabundo, ordinário, quem foi que te colocou aí? Quem paga a tua campanha?” Lembro-me bem que o moleque vagabundo, caso não estivesse informado, não tinha chance de saber que a chamada ocorria por conta da mudança no trânsito da rua.

Foi divertido ouvir o achincalhamento do governador e tivemos a certeza do real poder na situação quando, menos de uma hora depois, placas eram retiradas e tudo o mais voltando ao que estava antes. Já desconfiávamos que o “mercado” fazia o que bem entendia em toda e qualquer situação. Por exemplo: evitando pagar modelos profissionais, eu e uma colega, Neusa, magros e altos, éramos chamados para vestir as roupas que

tentavam colocar no catálogo da companhia.

Nós, sem atentar para o desvio de função, achávamos ótimo brincar de modelo, vestindo e nos exibindo para o fulano decidir se comprava ou não.

Bom salientar que o mercado nunca está só. No nosso caso eram três irmãos. O mais velho, o dos dentes perfeitos, decidia compras, vendas, preços. O segundo cuidava do dinheiro. Certamente estava entre os que fazem a “bolsa” rebolar sem o som da bateria de uma escola de samba. O terceiro, caçula da família cujas irmãs não apareciam por lá, era responsável pelas ações sociais da empresa, no caso, alugando apartamentos para os funcionários por valores bem acima do que recebiam, mas com a certeza de ter o olho da rua como resultado de inadimplência.

Em um dia de 1982 morreu Elis Regina. Soubemos durante o horário de almoço e voltamos ao trabalho consternados e tristes. O patrão, sabe-se lá por qual motivo, terminou o dia com mais uma remarcação de preços. Naquela noite nossa imprensa se esbaldou nos prováveis motivos que causaram a morte de Elis. Uma profundidade que nunca chega perto da “instabilidade na Argentina” levando o “mercado” à uma alta dos preços.

Ah, para concluir, se Dona Lo Prete não dá nome ao “mercado”, por que eu diria o nome do meu patrão? Mas, saibam, tem nome e sobrenome aqueles que sobem os preços, os juros e o que mais ferra a vida do trabalhador.

## NATAL TROPICAL

Jaime Gotardello descreve neste jornal A história do menino e da menina Que naquele Natal Tropical Cria uma história brilhante que fascina

E vai descrevendo pormenorizadamente O distante país onde Papai Noel reside E as duas crianças vão ficando contente Com a neve e das renas que no Natal incide

As crianças imaginavam um Natal diferente E não o simples Natal vivido em suas vidas Achavam que a terra do Papai Noel era quente Mas a neve reinava por aquelas paragens [desaquecidas

Gostariam de poder bonecos de neve fabricar E também de ver o trenó do bom velhinho Não se importavam com os brinquedos que iriam ganhar Mas queriam ver de perto aquele Papai Noel de gorrinho

E assim confabulando os dois faziam o tempo passar Na esperança da chegada do Santo Natal Queriam até mesmo o espantinho do vizinho enfeitar Achando que ele poderia ser o boneco de neve tropical

E assim o Natal do Menino Jesus foi chegando E os dois estavam ansiosos para o presente ganhar Mas coitadinhos continuaram esperando O bom velhinho com suas renas o presente entregar

Então o Natal passou na vida daquelas crianças E nada mais restando na memória a conservar E tantos outros natais foram registrados na lembrança E sem que nelas a neve viesse a paisagem embelezar

Mas o Santo Natal todo ano acontece Com neve ou sem ela é o Natal do Menino Jesus Que tendo nascido pequeno se engrandece Num mundo que antes era ofuscado e sem ter luz

(Quando lemos “Natal Tropical” de Jaime Gotardello, publicado no Jornal Monte Sião, nº 618, dezembro de 2023).

Arlindo Bellini

## ESPÓLIO

**ERALDO  
HUMBERTO  
MONTEIRO**

Como diz *ipsis litteris* o Aurélio, Espólio, do latim spoliou, são bens que alguém morrendo, deixou.

Definido o fulcro do epicentro da visita, os três apareceram: P1, P2 e P3, codinome secreto de Purgante 1, Purgante 2 e Purgante 3.

Era 2014. - Soubemos que o amigo desafia um probleminha nas profundezas lá de baixo. Procede tal ignominia? cerimoniou P1.

- Se o evento coincidir com um covarde desfecho fatal, conte conosco, emendou P2.

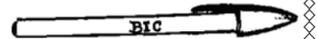
- Aliás, conta-se que um sujeitinho lá da rua do Sapó pegou uma doencinha dessa e nem careceu sofrer pra bater as botas, arrematou P3.

Ante amistosos vaticínios espoliantes, restou-me, a mim PMor, Purgante Mor, a partilha de alguns bens de valor inestimável.

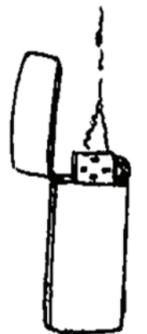
O relógio de marca foi pro P1;



a caneta de marca pro P2



e ao P3 coube o isqueiro de marca, muito utilizado nas fumadas do século passado.



Recebido o devido quinhão, partiram teatralmente lacrimosos.

Estamos em 2024. Consta que não morri. Consta que meu espólio ainda não foi devolvido. Consta sobretudo que o codinome é realmente de purgantes.

**SUPERMERCADO SHIMODA**  
Onde seu dinheiro compra mais  
Avenida Brasil, 205 - Fone 35 3465-1300  
Rua Tancredo Neves, 300 - Fone 35 3465-1175  
Monte Sião - Minas Gerais

Supermercado e Casa de Carnes  
**Oliveira**  
A melhor carne da região!  
Pça. Renato Franco Bueno, 80 - Centro - Monte Sião - MG - Cep 37580-000  
(35) 3465 1817 / 3465 2109

**MAZA**  
ALINHAMENTO E  
BALANCEAMENTO DE RODAS,  
ESCAPAMENTOS,  
AMORTECEDORES, BATERIAS  
**PNEUS**  
RUA CELSO SEBASTIÃO SIMONETI, 38  
(ANTIGO MATADOURO) 3465-5463

## SÃO JOÃO, SÃO JOÃO (...)

DANILO ZUCATO  
ROBERT

Estamos em junho, mês das festas juninas, com fogueiras, comidas deliciosas e o frio tão aguardado, desde mais ou menos setembro do ano anterior, ao menos para quem gosta do frio.

Certo dia, no ano passado, estava com aquele refrão junino tradicional em mente: “São João, São João, acende a fogueira do meu coração”, e refletindo sobre ele, pensei “ele não é belo? Tem algo a mais aí!” Apesar de seu sentido ser obviamente voltado para o coração alegre de quem canta, quero analisar outra possibilidade: a de cada verso do refrão ter um dos dois verbos homônimos: *acender* e *ascender*.

Primeiro, vamos analisar o refrão com o verbo *acender*, no sentido

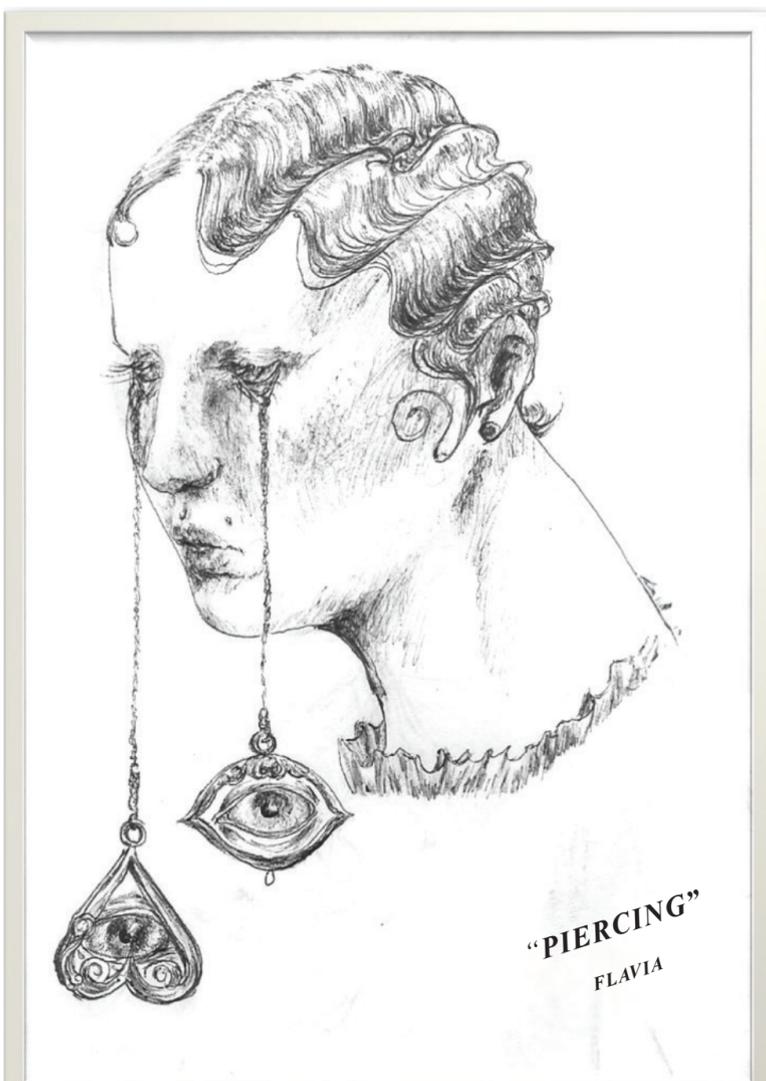
de ‘atear fogo, causar origem, inflamar, abrasar’: Pesquisando, descobri que o São João desta canção é São João Batista. Este pregava o arrependimento e a humildade como preparativos do coração do fiel para receber o Enviado, o Ungido, Jesus Cristo. O abandono das más ações e maus pensamentos, bem como levar uma vida piedosa, seriam o caminho para a purificação espiritual, assim a alma estaria pronta para receber o Filho de Deus na Terra.

Isto posto, a frase “acende a fogueira do meu coração” vai além do sentido primeiro de trazer alegria para quem canta em festa. O sentido mais profundo é o de “inflamar” o coração de quem canta, ou seja, acender neste o Fogo do verdadeiro Amor e da Fé.

Agora, sugiro o segundo refrão com o verbo *ascender*, no sentido de elevar, subir. Ao meu ver, o primeiro verso seria com o verbo no sentido de abrasar, inflamar, e, na repetição da mesma, seria com o verbo *ascender*. Ou seja, primeiro pede-se a ajuda de São João para ‘inflamar’ o fogo no coração de quem canta, para em seguida elevá-lo para o alto, para cima, para o céu, para Deus. Não é lindo? Seria como um “balão [que] vai subindo...”, que com o fogo já aceso, agora pode elevar-se.

“São João, São João, acende a fogueira do meu coração.

São João, São João, ascende a fogueira do meu coração”.



Densas lágrimas vitorianas: o amor cresce a partir dos olhos e eclode na alma. A quem presentear com as portas de minha alma?

REY QUEXOTO  
UM BOOM EM MANGUÁ

DURVAL TAVARES

Ciao.

“Com Pareto ou sem Pareto, lá estava ele erguido, firme, sólido como se fosse uma milenar obra italiana, o Coreto. Nessa construção foi inegável a sensata administração do Sr. Parmiro, tampouco o precioso controle orçamentário e financeiro de Dona Jandira. Ele, não só organizava o andamento dos trabalhos, mas orientava e incentivava os trabalhadores contratados que, em boa parte, trabalhavam com dedicação enquanto o maestro suonava il suo flauto. Ela, a incrível Jandira, fazia cada centavo de cruzeiro valer ouro, bem mais do que o valor do couro de um touro (dizia sempre: “un soldo vale oro, anche più della pelle di un toro”). O certo é que o coreto ficou pronto e todo o sonho estava apenas no começo. Seu Parmiro passou a selecionar músicos de toda a região de Manguá. De início seria importante que cada um utilizasse seu próprio instrumento musical, visto que a cidade não dispunha de recursos suficientes para a compra de novos. Seu Parmiro possuía alguns instrumentos de sopro, mas jamais os emprestaria a quem quer que seja. Tinha por eles um zelo muito grande, como o tinha pela batuta que trouxe da Itália com o firme propósito de utilizar na condução de algumas orquestras, ou, quem sabe, de uma pequena banda. O certo, até então, é que o coreto estava em pé. Base hexagonal, piso concretado, pilastras e vigas de eucalipto e, em sua cobertura, sempre cantava a Majestade, o Sabiá. Uma cobertura de sapé, planta tão comum na região quanto o é em vastas áreas do país. Além de muito útil nos telhados, descobri que o sapé é importante para a nossa saúde. Entre suas propriedades estão:

ações diuréticas, sedativas, antiespasmódicas, vermífugas, expectorantes, adstringentes, vitaminizantes, anti-inflamatórias e antirreumáticas. Ainda li que é uma boa fonte de oligossacarídeos e pode ser usada como uma boa fonte de carbono para as boas bactérias (por exemplo, lactobacilos) em nosso intestino, que ajudam a digerir nossos alimentos e fortalecer nosso sistema digestivo. Resolvi parar a pesquisa porque, embora expostos os benefícios do sapé para a boa digestão, a lista de palavras indigestas não parava de crescer. Só não eram mais difíceis daquelas que li em “O Código de Hamurabi” (ex.: Anu, Anunaki, Marduk, Igigi, Nipur, Ekur, Shamash, Ezuab, Ebabbar, Egalmah etc.). Para saber mais sobre o “sapé”, que tal consultar {[https://www.naturalcura.com.br/sape/#Para\\_que\\_serve\\_o\\_sape](https://www.naturalcura.com.br/sape/#Para_que_serve_o_sape)}? Com essa interrupção sem muito nexo, esqueço o coreto e falo um pouco de um boom nas artes em Manguá. Algo realmente repentino, imprevisível, notável, que merece ser contado.

Presente, um presente aos moradores, o coral da igreja matriz era enorme atração aos sábados, domingos e feriados, especialmente os santos. Estava nos planos o uso do Coreto para apresentações bem abrangentes. Diziam as boas, e as más línguas também, que até ateu comparecia às missas aos domingos para ouvir as maravilhas da música sacra. O padre, pároco, parroco, sacerdote, clérigo, chierico, reverendo, Dom Anacleto Pietro, o Bom, assim conhecido, juntamente com Dona Ema, foram os grandes responsáveis por tamanho sucesso.

De repente, chega aos ouvidos dos moradores uma notícia bem fresca e animadora: O Circo Alegria, de relativo sucesso em cidades maiores, estava chegando e teria a lona erguida per-

to da matriz (aliás nada ficava muito afastado dela). Como destaques, pelo que se comentava, traria os palhaços Arrepiá e Simpatia, duas simpatias de arrepiar, para a alegria das crianças de qualquer idade. Junto viriam: Peto e Latino, dois adestradores de cães; Labareda, o maluco que cuspiam fogo; Tortuoso, um talentoso contorcionista; a bailarina Menina Fina; Iludino, mágico que surrupiava a sua carteira. Bincadeira!; Sóbrio, um equilibrista que volta e meia caía na pista. Todos eram parte de uma lista, pequeno exemplo da fascinante profissão de artista de circo, sem menosprezo aos bichos.

Manguá vivia seus melhores dias. Coreto, Coral e Circo, denominado como Triplo “C”, fariam da praça Manguaça o principal e único ponto de encontro de uma crescente população.

O Sr. Prefeito, Anarcon Mício, quase não cabia em si de tanta felicidade. Estava encantado com o crescimento da cidade, de olho na sua reeleição, não perdia tempo para se apresentar a todos, sem exceção, com um forte aperto de mão. Seu Parmiro, ainda um músico solitário, que andava com o ar de preocupado com a concorrência que sua futura banda teria, rapidamente mudou o semblante ao perceber que a variedade de atrações seria importante também para o seu projeto. Atrações novas, culturalmente enriquecem Manguá e, economicamente, aumentam as rendas no pequeno e crescente comércio local. Passou a ver com entusiasmo a possibilidade de ensinar sua arte musical a um público maior. Bem, com tantos assuntos a movimentar a vida em Manguá, eu, Rey Quexoto, deixo para explorar assunto por assunto noutros artigos. Ciao”.

Foi o que encontrei no baú do Rey. Encontrarei outros, bem sei.

HERCULE FLORENCE  
PIONEIRO DA FOTOGRAFIA

MATHEUS ZUCATO

Permitam-me escapar da ficção. Moro atualmente em Campinas (SP), e no último sábado de manhã (18/05) compareci ao Museu da Imagem e do Som (MIS) da cidade para acompanhar a inauguração da Sala Hercule Florence. O espaço inteiro é dedicado ao desenhista, pintor, tipógrafo, litógrafo, fotógrafo, professor e — a meu ver, sua principal função — inventor.

Hercule Florence nasceu em Nice, na França, em 1804 e veio ao Brasil em 1824 como ilustrador numa exposição com fins científicos (naturalistas). A partir de 1829, fixa residência na Vila de São Carlos (atualmente Campinas, SP), e aqui viveu até 1879, ano de sua morte. Dedicou-se principalmente aos estudos da imagem (e sua reprodutibilidade) e do som: com os intentos de facilitar os procedimentos de reprodução de imagens comuns em sua época, inventou em 1830 o que chamou de *polygraphie* (poligrafia), que foi um método pioneiro de reprodução de imagens e documentos, criado muito antes da popularização da fotografia. Utilizando substâncias químicas para sensibilizar papel, Florence aplicava princípios fotográficos para capturar e reproduzir imagens através de exposição à luz. Esse processo resultava em cópias

precisas de textos e desenhos, representando uma inovação significativa na história da impressão e da fotografia.

Outras invenções do pesquisador foram: a zoofonia, que foi um sistema de notação musical criado para registrar e estudar os sons dos animais através de um método que utilizava um conjunto de símbolos gráficos específicos; a pulvografia, uma técnica de impressão que utiliza pó colorido aplicado sobre uma superfície adesiva para formar imagens detalhadas; o “papel inimitável”, um tipo de papel especial criado para prevenir falsificações, que incorporava marcas d’água e outras características de segurança, tornando-o ideal para documentos importantes e valores monetários; e, por fim, a fotografia.

Deixei por último o invento mais popular, pois ainda é muito debatida a ideia de que Hercule Florence tenha inventado a fotografia. As descobertas neste campo surgiram quando ele tentava encontrar técnicas de reprodução eficazes para impressão. Inicialmente dedicou-se às pesquisas em torno da câmera escura e desenvolveu papéis fotográficos que utilizavam sais de prata fotossensíveis. Este método era mais simples e baratos do que as técnicas utilizadas até então. Outra grande descoberta foi a de fixar por muito

mais tempo as imagens obtidas nos papéis. Para isso o inventor utilizou sua própria urina e, mais tarde, amônia. Florence nomeou, em suas anotações de 1833, todo este processo como *photographie*, unindo as palavras de origem grega, *phótos* (luz) e *graphéin* (gravar, desenhar). Foi a primeira vez que este termo foi utilizado, antecedendo em alguns anos outros estudiosos da fotografia, como William Henry Fox Talbot e Louis Daguerre.

Pessoalmente fiquei feliz pela homenagem a um franco-campineiro. Resgates históricos de grandes mentes e feitos, valorização da cultura/ciência nacional, inauguração de espaços voltados às artes e à cultura sempre irão brilhar aos meus olhos. Este texto parece servir como divulgação do evento do Museu de Imagem e Som, mas seu real objetivo é incentivar os nossos agentes de cultura, artes, historiografia, nossos governantes municipais, a valorizarem nossa cidade e os seus heróis. Já tivemos uma grande vitória com a inauguração do *Espaço Literário Ivan Mariano Silva*, no ano passado, e assim devemos continuar, pois este é o melhor caminho para que as novas (e também as atuais) gerações criem forte identificação e respeito para com a maravilhosa e encantadora Monte São.

# BOCA COLORIDA

JOSÉ CARLOS GROSSI



Todo dia um poema se anuncia nas bandas do Grotão. Vem com o vento que sacode as folhas do abacateiro, com as andorinhas em redemoinhos no céu, com as nuvens branqueiras, com o perfume das laranjeiras e com o sol.

Todo dia um cheiro forte de broa e pão sobe a cidade. Vem do Tônico, do Galbiati e da saudade do Estevão Verde Comune montado em sua escada de tábuas

dando formas angelicais aos ciprestes da praça: e nasce um tatu, um macaco, a cobra caça o pássaro imaginário e uma cruz se abre em abraços depois do caramanchão.

Todo dia vejo a Dona Ina e seu caderno de ensinar sonhos. A encantada Dulce de saia rendada e da sombrinha que a adornava.

O domingo do Nicolino explodindo na praça suas músicas clássicas.

A sinuca do Vitória

Cétalo que perpassa as horas e a vida.

Então abro a janela do passado e viajo no Baú do Zote ao volante do João Padre.

O bar do meu pai que me ensinou fazer tostex.

E aprecio a lentidão do Zé Comparim ao subir o morro de sua casa. E ouço a bigorna do Canelão, lá longe, como fosse uma araponga solitária.

O bar do Choque serve meu café com biscoito. O cinema do Cid apresenta Umbral da China e o bandolim do Hermínio Zucato inventou meu suspiro.

Em qual esquina ficou minha saudade? Em qual serenata encantou Ramiro?

Sei que o tempo passou depressa e que tudo que era claro ficou concreto, plástico e esquecido.

Mas todo dia um poema se anuncia nas bandas do Grotão. Vem com o vento que sacode as folhas do abacateiro, com as andorinhas em redemoinhos no céu, com as nuvens branqueiras, com o perfume das laranjeiras e com o sol.

# PROJETOS QUE DESPERTAM HÁBITOS E VALORES ESCOLA MUNICIPAL LÁZARO CÂNDIDO DE SOUZA

ROSANA PASCUAL TRINDADE (DIRETORA ESCOLAR)

A Escola Municipal Lázaro Cândido de Souza foi fundada por volta de 1953, com o nome de Escola Municipal Padre Antônio da Rocha Pinto em homenagem ao Primeiro Padre de Monte Sião. A 1ª sala de aula foi construída no terreno doado pela família do Sr Alcides Antônio de Moraes, no Bairro do Guiné, tendo por vários anos uma professora para todas as séries. Ao longo dos anos, como o espaço se tornou pequeno, cedeu o paiol para funcionar mais uma sala de aula, onde permaneceu a escola por um ano, até ser construída a nova sede.

Em 1998, por apresentar maior número de alunos e estar bem localizada foi escolhida para ser a escola núcleo para atender os alunos da região rural. Com a resolução da Secretaria Estadual de Educação número 66 de 10/04/99 passou a se chamar E.M. “Lázaro Cândido de

Souza”, em homenagem a um homem caridoso que ajudava pessoas no bairro.

Atualmente a E.M. Lázaro Cândido de Souza é um estabelecimento Oficial de Ensino, onde as aulas são ministradas desde o Ensino Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental, nos períodos da manhã e da tarde, com o total de 115 alunos.

A Escola tem como princípio: “Gostando” do que se faz, passamos a “querer” fazer, com alegria, prazer e amor”.

Apesar de todos os profissionais de educação serem habilitados para a função que executam estão sempre buscando atualização para suas correspondentes áreas, participando de reuniões, cursos e encontros pedagógicos, sendo assim, estão em constante pesquisa na área que envolve os problemas cotidianos dos alunos, procurando ajudá-los de alguma forma.

Sempre concomitante ao Currículo da escola, todos os anos a escola

escolhe um Projeto a ser desenvolvido, visando sempre uma contribuição no processo de ensino-aprendizagem, oportunizando ao estudante vivenciar de forma inovadora diversos aspectos do meio em que está inserido.

No ano passado, aproveitando as aulas de Educação Financeira, inserimos o Projeto Mini Empresa Sustentável, tema escolhido para conscientizar sobre a importância do planejamento financeiro e assim poderem desenvolver uma relação equilibrada com o dinheiro e tomar decisões acertadas sobre finanças e consumo. O envolvimento dos alunos foi tão satisfatório que a pedido deles este ano daremos continuidade com o Projeto a partir do mês de maio.

Todo trabalho realizado pelos professores conta com a orientação da Supervisora Pedagógica Magali Genghini e apoio da Diretora Rosana Pascual Trindade, para que todos os objetivos propostos sejam alcançados.

## MONTE SIÃO DE OUTRAS ERAS

Neste espaço o JMS publicará, mensalmente, textos de antigos colaboradores.

### OS OCRINHOS

ILSON MARIANO SILVA

A tal da loja 1,99 é de fato um sucesso patente, pegou feito visgo e caiu no gosto do povo. Isso porque as coisas que lá se vendem são tão baratinhas que quando a gente está lá dentro comicha uma vontade de comprar que fica

difícil de controlar. As coisas são oferecidas de tal forma que não há jeito de entrar nesses locais e sair sem ter comprado nada; há sempre que se comprar alguma coisa mesmo que não se precise dela.

A Márcia andava enxergando pouco ou quase nada quan-

do era preciso ver de perto. Para ver de longe ainda quebrava o galho, pois embora as coisas aparecessem meio embaraçadas, meio lusco-fusco, ainda dava para ir; agora de perto já não tinha mais jeito, pois as coisas embaralhavam, se misturavam de tal maneira que por mais

que se concentrasse, que firmasse a vista, não conseguia ler coisa alguma. Aí então, embora a vaidade dissesse que não, a necessidade era maior, e por isso resolveu comprar uns ocrinhos para ver de perto, foi então a uma clínica especializada, uma lojinha de 1,99. Lá estando,

encontrou uma caixa de sapatos cheia de ocrinhos para perto, ou seja, toda a sua necessidade e a preço que cabia em seu orçamento. Experimentou um, era forte demais. O outro também não servia. E assim foi experimentando empiricamente até que chegou àquele que mais se

adaptava às suas necessidades; não era o ideal, mas quebrava o galho, tanto quebrava que hoje ela anda usando os óculos da Suely para poder ler. Os seus ocrinhos estão servindo de colar pendurados ao pescoço. Não servem para nada, mas em comemoração custaram baratinhos!

## EXPEDIENTE

ENTIDADE MANTENEDORA: Fundação Cultural Pascoal Andreta

Fundador – Antonio Marcello da Silva

Diretores – Antônio Marcello da Silva (1958-1962); Pascoal Andreta (1962-1972); Ugo Labegalini (1972-2012); Ivan Mariano Silva (2012 - 2020) e Alessandra Mariano (2020 - )

Conselho Administrativo – Alessandra Mariano Silva Martins, Bernardo de Oliveira Bernardi, Jaime Gottardello, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco e Matheus Zucato Robert.

Diagramação – Matheus Zucato Robert  
Fotografia – José Cláudio Faraco  
Direção financeira – Charles Cétalo  
Secretário de Redação – José Carlos Grossi  
Jornalista responsável – Simone Travagin Labegalini (MTb 3304 – PR)

Colaboradores – Ariovaldo Guireli, Arlindo Bellini, Antonio Edmar Guireli, Antonio Marcello da Silva, Bernardo de Oliveira Bernardi, Bruno Labegalini, Carolina Nassar Gouvêa, Danilo Zucato Robert, Eraldo Humberto Monteiro, Ismael Rieilli, Ivan Mariano Silva, Jaime Gottardello, José Alacício Zamuner, José Antonio Andreta, José Antonio Zechin, José Ayrton Labegalini, José Carlos Grossi, José Cláudio Faraco, Luis Augusto Tucci, Luiz Antonio Genghini, Luis Fraccaroli, Matheus Zucato Robert, Rodrigo Zucato, Ugo Labegalini (in memoriam), Valdo Resende e Zeza Amaral.

Colaborações ocasionais serão apreciadas pelo Conselho Administrativo do jornal que julgará a conveniência da sua publicação. O texto deverá vir assinado e acompanhado do RG, endereço e telefone do autor, para eventual contato. Cartas enviadas à redação, para que sejam publicadas, deverão seguir as mesmas normas. Toda matéria deverá ser enviada até o dia 10 do mês (se possível através de e-mail) data em que o jornal é fechado.

Redação: Rua Maurício Zucato, 115 – Fone (35) 3465-2467

Monte Sião fica no sul de Minas Gerais, na divisa com o estado de São Paulo. Pelo censo de 2010, conta com 20 870 habitantes. Sua área é de 292 km² e a altitude é de 850m. Monte-sionense é o gentílico para quem nasce em Monte Sião.

jornal.montesiao@fundacaopascoalandreta.com.br

JOSÉ ANTONIO ZECHIN

Seja sincero: você se considera feio(a) ou bonito(a)? Não importa a resposta, de um jeito ou de outro toda panela encontra sua tampa. A beleza é uma coisa singular. Para o sapo, a sapa é uma princesa! Para os seres humanos não funciona

## A BELEZA DE CADA UM

assim. Na sociedade humana existe uma obsessão pela beleza que pode ultrapassar os limites do razoável. Sem dúvida, cuidar da aparência — principalmente da saúde — é muito importante. O exagero, não. Com o avanço das mídias sociais, isso se tornou mais crítico por causa das inevitáveis compara-

ções. Se a pessoa não tiver discernimento, pode criar para si sérios e incontroláveis transtornos. O culto à imagem simplesmente nunca é uma coisa saudável. Comparar nunca é uma boa solução. Costumo dizer que se alguém quer mostrar muito o seu exterior é porque está faltando alguma coisa internamente.

Academias, dietas e terapias são recursos que nem sempre resolvem. E existem tantos outros valores na vida para se preocupar. Eu gosto de pessoas cultas, inteligentes e divertidas, que tenham espiritualidade. Então, meus caros sapinhos e sapinhas, vocês estão felizes diante do espelho, espelho meu?

**CASA DAS MASSAS**  
de Lourdes Labegalini

**Pães e Massas Especiais  
Panetones e Congelados**

Rua J.K. de Oliveira, 1.170  
**Fone 3465-1368**  
Monte Sião - MG

ACEITAMOS ENCOMENDAS

**dynamise**  
Farmácia de Manipulação e Produtos Naturais

(35) 3465 2060 (35) 98815 2060

Rua Abílio Zucato | 274 | Monte Sião | MG

dynamisemanipulacao Dynamise Farmácia de Manipulação www.dynamisemanipulacao.com.br

# Monte Sião

A Capital Nacional da Moda em Tricô

Maio de 2024

Nº 623

# ÚLTIMOTREM

## ANIVERSARIANTES DO MÊS

### Junho de 2024

Dia 01 Rosângela Araújo Aparecida Jaconi Faraco	Dia 17 Reinaldo Comune Edemário Souza Bueno
Dia 02 Wedimilson Giovani da Silva	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 04 José Raimundo Rodrigues Ronan Gaiotto Benatti Dulcinéia Dias e Silva	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 05 Antonio Carlos Ortoloni Jr. Luciana Ferreira de Godoy Eiko Tanaka Bernardi Rodney Campbell Queiroz	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 06 Patrícia da Silva Puton Paula Silveira Andreta, Sebastiana R. Zucato,	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 07 Mayara Pereira Alves Joela Ávila Santos	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 08 Marco Antonio Guireli Roberta Jaciane	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 09 Sônia Maria dos Santos	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 10 Maytê Tavares Souza Bueno Wanderlei Armelini	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 11 Mário Márcio Zucato Jr.	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 12 Sandra Vilas Boas Altair Antonio Augusto Mariles A.D. Resende Gisele Lopes Giovana Evi Labegalini	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 13 Rita Amélia de Souza	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 14 Bruno Aparecido Ruiz Thais F. Lopes	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 15 Patrícia Corsi	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva
Dia 16 Danilo Labegalini Victor Morelo Valentim	Dia 18 Antonio Raimundo P. da Silva

A todos, as felicitações da Redação!

### ESTREIA NO JORNAL MONTE SIÃO

Estreia no Jornal Monte Sião a autora monte-sionense Flavia Eloise Gonzales, com apenas 19 anos de idade. Flavia contribuirá com seus belos desenhos que carregam uma beleza muito própria, de denso caráter, característica dos bons artistas. O JMS agradece a contribuição da jovem desenhista e ressalta a importância de continuamente darmos espaço e visibilidade aos novos talentos de nossa amada cidade.

Seja bem-vinda, Flavia!

### PREPARAÇÃO DA PESQUISAS AUTORES DE MONTE SIÃO PARA PUBLICAÇÃO EM LIVRO - II

Está em fase de revisão para a devida publicação em livro, o Relatório da Pesquisa de Autores de Monte Sião. Por se tratar de obra aberta, estamos incluindo outros livros publicados depois da inauguração do Espaço Literário Ivan Mariano Silva na Câmara Municipal. Quem tiver, possuir ou desejar alterar algum texto da versão eletrônica, deve entrar em contato conosco. CONTINUAMOS AGUARDANDO CONTRIBUIÇÕES!

### JOSÉ ALAÉRCIO ZAMUNER LANÇA MAIS UM LIVRO DE POEMAS – “UM PONTO AZUL”!

E o amigo Alaércio continua recebendo elogios e ampliando o rol de fãs com o lançamento do livro de poemas “Um Ponto Azul”! Fiquem atentos às redes sociais porque logo-logo elas estarão anunciando o lançamento com tarde/noite de autógrafos em Monte Sião! Parabéns, Zamuner!

### BELLA ITALIA!

Invocando a proteção de Deus, em maio visitamos a terra dos nossos ancestrais na região de Monte Colombo, Montescudo, San Marino e Rimini situados na Emilia Romagna, centro-norte da Itália, às margens do mar Adriático, de onde vieram os Maggioli, os Grossi e os Genghini para fazer “fortuna” em Monte Sião. Sempre mágica esta visita porque nos leva a uma grande viagem espiritual e ao encontrarmos parentes separados por um gap (intervalo) de 130 anos aproximadamente, pois resta-nos a impressão de que sempre estivemos juntos!

### PEDÁGIOS – “PAU QUE BATE EM CHICO, BATE EM FRANCISCO” - II

Até a última vez que passamos pela estrada Monte Sião-Ouro Fino-Monte Sião, o pedágio

instalado na altura da Fazenda Paulini, aparentemente, ainda não estava operando. Será que ainda dá tempo de reverter algum a coisa. Do que temos visto dos políticos locais, nada favorável aos usuários deverá acontecer. Continuem monitorando os políticos e lembre-se deles nas próximas eleições!

### FESTIVAL DE COMIDA DE BOTEÇO, EM MONTE SIÃO! ESSA EU FUI!

Aconteceu no final de semana de 20/21 de abril de 2024, o Festival de Comida de Boteco, com a animação musical de Edu Eduardo Godoy (il nonno) no período vespertino e da dupla Camila Moraes e Raquel, à noite, com seus cantos e alegria infinitas. Depois de ter ido com a família à missa de um ano do passamento de Sebastião Aparecido Genghini, nos dirigimos ao Pavilhão (uma obra que consegue juntar utilidade e mau gosto, por estar deslocada e poluindo visualmente nosso lindo jardim) para saborear as gostosuras da comida de boteco. Petiscos de carne, costelinha, linguíça, fritas, mandioca e temperos. A Nonna Cacilda (a benzedeira) se deliciou com o caldo da noite e a bisneta Vitória foi apresentada às fritas em palito com molho tártaro, que ela devorou sem qualquer cerimônia. Estava gostoso, tio!

## Fragmentos - 36

### ARIOVALDO GUIRELI

**1** - Os seres humanos podem matar para satisfazer suas necessidades básicas – podem tirar da terra tudo aquilo que é necessário para sustentar sua saúde e dignidade – o que eles não têm é o direito de destruir a biodiversidade visando a acumulação de capital e riquezas, ou para produzir luxos desnecessários.

**2** - Os seres humanos têm valor intrínseco e que o resto da criação só tem valor relativo e que é importante à medida que serve aos interesses da humanidade, e ainda mais, criou-se como antropocêntrico. Portanto, definimos a ideia de que somente nós somos o centro do universo, e que essencialmente o mundo é feito somente para nós. Lembremo-nos da canção do Beto Guedes com o letrista Ronaldo Bastos (in Amor de Índio) “ tudo o que move é sagrado...”

**3** - Para muitos os livros literários são apenas artefatos estéticos, criados para a contemplação da beleza ou para a fuga da realidade. Claro que a literatura apresenta essas funções, mas não se limita a elas. Oposta a essas tendências que valorizam a arte pela arte, há a literatura engajada, aquela que é um veículo de análise e de crítica em relação à sociedade e à vida. Portanto, a pergunta se faz presente:- Quando que o livro se torna livro? Quando terminado? Não! Quando lido! Não sendo lido e interpretado, jamais poderá ser livro!

**4** - Um gentleman. Uma educação refinada. Um trato com o outro de fina raridade. Sempre atento. Cuidava de sua área de trabalho com responsabilidade. Onde estava trabalhando as crianças gostavam de serem atendidas por ele. Um garçom desses que não mais existem. Trabalhava com prazer! Em

horas vagas gostava de uma cerveja e prosas em torno do seu time: Corinthians! Tanto que seu nome não era falado cotidianamente, mas, seu apelido: Toninho Casagrande! Muito ligado à família e dela cuidou até o seu dia de páscoa. Com alegria lembramos desse ser humano raro e benfazejo: Antônio Mantovani Filho ou simplesmente Toninho Casagrande!

**5** - Nossos antepassados diziam: Deus é perdão, mas a natureza cobra! Principalmente quando destroem o seu ciclo natural!

**6** - Leiam: Angústia. Do escritor Graciliano Ramos. Editora Record.

**7** - Este fragmento foi diagramado por Sérgio Guinense.

**8** - Beijos gerais!

**ACM** ADRIANO - CHARLES - MAURICE  
CONTABILIDADE  
(35) 3465-1635  
3465-4404  
R. Juscelino K. de Oliveira, 1102 - Centro - Monte Sião | MG

**PORCELANA MONTE SIÃO**  
BIBELÔS EM GERAL - CANECAS PARA CHOPP  
VASOS - CINZEIROS PARA BRINDES, ETC.  
A única que produz PORCELANA AZUL e BRANCA no Brasil  
AGRADECEMOS SUA VISITA  
Rua Sete de Setembro - Tel.: (35) 3465-1117 - Monte Sião - MG

A melhor internet do  
Circuito das Águas Paulistas  
**TELESON**  
TELECOM  
Águas de Lindoia: (19) 3824-3671  
Monte Sião: (35) 3465-4963  
WhatsApp: (19) 99773-1001

**Laboratório de Análises Clínicas Bioanálise**  
Bioquímico: Ferdinando Righetto  
● **Teste do Pezinho ampliado**  
● **Credenciamento com os Laboratórios:**  
GENOMIC (Teste de DNA) - CRIESP e SAE (São Paulo)  
HERMES PARDINI (Belo Horizonte)  
Rua do Mercado, 866 - Tel (35) 3465-1714 - Centro - Monte Sião/MG

Nossos avós já compravam na  
**Loja do Plácido**  
A mais antiga da cidade - Desde 1922  
TECIDOS - CALÇADOS - CONFECÇÕES - CAMA - MESA - BANHO  
Rua Presidente Tancredo Neves, 194  
Fone: 3465-1144

**Sebo do Ismael**  
Livros, revistas, LPs, CDs, DVDs, VHS, Fitas K7,  
Aparelhos eletrônicos, Antiquário  
Praça Cavalinho Branco - 410 - Águas de Lindoia - SP  
Telefone: (19) 3824-1507  
WhatsApp: (19) 99343-9180